
Bases epistemológicas sobre cinegrafia jornalística e sobre o repórter cinematográfico no Brasil¹

André Ferreira LAMOUNIER²
PPGCOM UFJF-MG
Marco Aurélio REIS³
PPGCOM UFJF-MG/ Unesa-RJ

RESUMO

Das primeiras transmissões de TV no Brasil até os momentos atuais, foi possível observar o nascimento e o crescimento dos telejornais. Ao longo dos anos foram consolidadas as pesquisas em telejornalismo, a publicação de livros, teses e artigos e a expansão dessa formação pelas universidades. Em particular, no entanto, a área da cinegrafia jornalística, presente no Brasil antes mesmo da chegada da TV, ainda carece de pesquisas e publicações. Por meio da prática metodológica Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) de artigos, teses e dissertações, pretende-se investigar o que, como e quanto se pesquisa sobre a cinegrafia jornalística e sobre o repórter cinematográfico no Brasil de modo a contribuir para os estudos em torno de uma epistemologia da cinegrafia jornalística em particular e para os estudos do jornalismo de forma geral.

PALAVRAS-CHAVE: Cinegrafia jornalística, Repórter cinematográfico, Cinegrafista, Telejornalismo, Jornalismo Audiovisual.

O TELEJORNALISMO COMO PRÁTICA, PRODUTO E CAMPO DE PESQUISA

Das primeiras transmissões televisivas no Brasil - datadas de 18 de setembro de 1950 com a inauguração da TV Tupi - até o contexto atual, 71 anos depois, diferentes fases e inovações tecnológicas e do modo de produção marcaram o jornalismo feito na TV. A mídia televisiva cresceu, se popularizou, expandiu rumo ao interior do Brasil e chegou ao patamar de meio mais importante no país. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia⁴, 89% dos entrevistados afirmaram recorrer à televisão para se informar e 77% deles disseram consumir telejornalismo diariamente. Estudo mais recente revela que o cenário se manteve durante a pandemia de coronavírus: pesquisa realizada pela Kantar

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: andreferreiralamounier@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor da Universidade Estácio de Sá e bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da instituição. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias, coordenador da graduação em Produção Audiovisual (Unesa/João Uchôa) e professor colaborador do PPGCOM UFJF. E-mail: marco.reis@estacio.br.

⁴ Disponível em <https://bitly.com/cI298>

Ibope Media⁵ aponta para o crescimento no tempo em frente à TV em 11 das 20 maiores audiências dos últimos cinco anos sendo registradas nesse período.

Nos primórdios da TV, a emissora de Assis Chateaubriand foi também responsável pela primeira edição de um telejornal no país, dois dias depois, um formato fundamental na consolidação do meio. Atualmente, segundo a já citada pesquisa Ibope, 79% do público pesquisado afirmam que TV é o meio mais confiável para obter informações sobre a pandemia e que o gênero Jornalismo foi o segundo que mais cresceu em audiência televisiva no período.

Em paralelo, o telejornalismo também se tornou campo de pesquisas acadêmicas no país. Coutinho (2018) aponta o livro “Você entende de notícia?”, de 1978, como o primeiro publicado na área de jornalismo de TV. A pesquisadora traça um panorama dos tipos de pesquisas científicas desde a segunda metade da década de 80, entre eles os que apresentam relatos de profissionais e os que oferecem modos de fazer através de manuais. Ela avalia que a partir do início do século XXI, os estudos da área passaram a buscar “os diferenciais da notícia televisiva e de seu processo de produção, tendo a análise de conteúdo como método preferencial”. (COUTINHO, 2018, p. 176)

Já no contexto mais recente, destaque para o “saber fazer pesquisa em telejornalismo”, num empenho de vários pesquisadores em formular bases metodológicas para as investigações. A partir do amadurecimento científico do campo, destaca-se a fundação da rede Telejor, no ano de 2005.

Ainda como fruto desse empenho, foi lançado em 2018 o livro “Epistemologias do telejornalismo brasileiro”, o sétimo volume da coleção publicada pela Editora Insular e editada pela Rede Telejor. Discussões sobre contextos sociais, métodos de análise e as condições implicadas no “saber fazer” telejornalismo permearam 22 capítulos da edição, que como as organizadoras definem, tem “perfil mais teórico-reflexivo” e o “objetivo de contribuir e fortalecer os estudos do campo do Telejornalismo em seus diferentes âmbitos e espaços de produção do conhecimento” (EMERIM, COUTINHO E FINGER, 2018, p.16).

Embora impactada pelo contexto de convergência temos, portanto, a televisão com relevante espaço no contexto brasileiro de mídia e, o telejornal, como importante

⁵ Disponível em:

<https://www.kantaribopemedia.com/brasil-e-o-segundo-pais-mais-preocupado-com-a-pandemia-de-covid-19/>

fonte de informação dos brasileiros. Temos, também, pesquisadores em rede construindo pesquisas, artigos, teses e dissertações, publicando livros e discutindo bases metodológicas e historiográficas que colaborem para a consolidação cada vez maior do campo acadêmico do telejornalismo. É a partir desse contexto que parte a investigação que norteará este trabalho: qual o lugar da cinegrafia jornalística neste espaço?

CINEGRAFIA JORNALÍSTICA NO BRASIL

Importante destacar que, antes da chegada da televisão no Brasil, a profissão e o exercício da cinegrafia já existiam. Lamounier (2021) aponta em pesquisa que o termo “repórter cinematográfico” já era utilizado na imprensa brasileira no período anterior à chegada da TV no país. Dentre quatro plataformas de acervo, foram encontradas 29 citações em 17 impressos diferentes dentre notícias, fotografias, quadrinhos e anúncios no período de 1890 a 1950.

O cinema - e no caso, o cinejornalismo - foram os primeiros espaços de prática. Formuladora das “Fases do Telejornalismo”, Edna Mello da Silva aponta em artigo que, embora sejam frequentes as referências ao rádio na consolidação da primeira fase da televisão no Brasil, que a sétima arte também teve sua contribuição.

Diante do exposto, é possível afirmar que a primeira fase do telejornalismo brasileiro foi marcada pela forte influência do cinejornalismo, no que se refere à captação de imagens em preto e branco operadas por cinegrafistas, e do rádio, em relação à valorização da voz e do ritmo dado à apresentação das notícias proporcionado pelos locutores (...). (SILVA, 2011)

Mas é fato que a chegada da televisão acabou fazendo com que surgisse também um campo de atuação. Rezende (2000) destaca que uma pequena equipe formada por um apresentador/redator e três cinegrafistas - Jorge Kurijan, Paulo Salomão e Afonso Ribas - foi responsável por dar largada ao telejornalismo brasileiro com a criação do “Imagens do Dia”, dois dias após a inauguração da TV Tupi.

É possível deduzir que a influência do cinejornal pode ter sido marcante, na forma de reportar os acontecimentos, nos primeiros anos do jornalismo de televisão. Os cinejornais eram noticiários exibidos nos cinemas antes do filme principal, e apresentavam imagens dos acontecimentos da semana, notícias esportivas e na maioria das vezes informações ligadas à agenda dos governantes. O formato tradicional do cinejornal continha a exibição das imagens em planos abertos, com poucos cortes, acompanhados pela narração de um locutor (off). (SILVA, 2020)

No livro “JN: 50 anos de telejornalismo”, Helio Alvarez - repórter cinematográfico e atual gerente de cinegrafia e edição de imagens - faz uma breve retrospectiva sobre o assunto no capítulo “O olhar por trás da notícia”. Entre as evoluções dos equipamentos, das práticas e, claro, da profissão, ele comenta sobre a formação desses profissionais:

A cinegrafia era um conhecimento específico que poucos tinham e raríssimos dominavam. Os profissionais da época eram extremamente qualificados e respeitados por isso. (...) A chegada do videoteipe trouxe facilidades técnicas que diminuíram a exigência de especialização dos profissionais. (...) Atualmente, escolas técnicas e cursos universitários preparam profissionais para o mercado em quase todas as grandes cidades do país, o que permite às novas gerações uma formação técnica e acadêmica qualificada. (MEMÓRIA GLOBO, p. 386)

Publicado em 1979, o decreto 83.284 traz definições para as funções desempenhadas por jornalistas, dentre elas a de repórter cinematográfico, “aquele a quem cabe registrar cinematograficamente quaisquer fatos ou assuntos de interesse jornalístico”.

Apesar da evolução profissional - do cinema à convergência de mídias - passando pela expansão da formação em jornalismo, a profissão de repórter cinematográfico e o exercício da cinegrafia jornalística tiveram transformações e permanências. A nível de pesquisa científica, entretanto, o cenário parece ser mais modesto. Durante entrevista via redes sociais promovida pelo Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq-UFJF), Edna Mello comentou a carência de publicações historiográficas sobre a cinegrafia jornalística e sobre os repórteres cinematográficos.

Eu creio que houve historicamente um apagamento dessa memória dos repórteres cinematográficos. (...) Na documentação que eu tenho, o que eu consegui achar foi, no primeiro momento da TV Tupi, que a presença da equipe foi muito valorizada porque era uma equipe que já trabalhava com cinema, inclusive com cinedocumentário. Mas sobre as equipes seguintes têm pouca informação. (...) A revista “O Cruzeiro”, ao fazer uma reportagem sobre os cinco anos da televisão, nomeou toda a equipe, mas não eram os elementos de destaque. O destaque sempre foi dado aos apresentadores. (...) Como o repórter cinematográfico é uma figura que não aparece, está mais nos bastidores, acontece que eu poderia citar dois ou três que foram nomeados ao longo das pesquisas que eu consegui levantar. (SILVA, 2021)

Cárlida Emerim e Antônio Brasil (2013) destacam que “embora seja fundamental para esta mídia (televisão), ainda não recebe (nem no mercado e nem na academia) o investimento e o interesse de pesquisa”.

Propor um estudo que contemple este profissional e a sua atuação no telejornalismo se faz extremamente importante, pois pode colaborar, diretamente, para se restabelecer historicamente os modos de produção e as rotinas de atuação destes profissionais, possibilitando estudar não só quem foram estes profissionais (suas contribuições e especificidades), como também apreender sobre o poder e o sentido das imagens no telejornalismo. Nessa mesma direção, do ponto de vista mais prático, pensar e propor rotinas de ação em coberturas, de captura de imagens em diferentes aspectos e contextos, (por exemplo) a partir de possibilidades e restrições que já foram experimentadas ao longo do tempo. (EMERIM e BRASIL, 2013)

Assim, propõe-se neste artigo investigar o que se pesquisa acerca da cinegrafia jornalística e do repórter cinematográfico, a fim de compreender qual é o atual contexto acadêmico deste subcampo inserido nas discussões sobre o telejornalismo brasileiro. A seguir, apresentamos os métodos que baseiam essa pesquisa.

MÉTODOS E RESULTADOS

A presente pesquisa se filia à apresentada no Capítulo 5 do livro “Epistemologias do Telejornalismo”, produzida pelos autores Christina Ferraz Musse, Claudia Albuquerque Thomé e Marco Aurélio Reis (2018). Na busca por evidências de uma tradição de pesquisas em telejornalismo no estado de Minas Gerais, os autores recorrem a Dancy (1985) e Russel (2005) como fundamento para a questão epistemológica ali discutida e que também nos cabe a esta investigação.

O olhar quantitativo sobre teorias, metodologias e objetos das investigações busca construir um saber científico sobre as pesquisas para além das coincidências (Russel, 2005, p.76), uma vez que “justificação e conhecimento, de alguma forma, não devem depender de uma coincidência ou sorte”(Dancy, 1985, p.134)

Trazendo para a discussão deste artigo, busca-se por meio dessa entender o contexto da pesquisa científica acerca da cinegrafia jornalística no Brasil. A técnica metodológica utilizada será a Análise de Conteúdo, formulada por Bardin (1977), com as seguintes categorias: palavras-chave, bases teóricas, bases metodológicas e objetos analisados. Foram definidos cinco termos relacionados ao universo do tema para fundamentar a pesquisa: cinegrafia, cinegrafista, repórter cinematográfico, câmera, imagens. Serão analisados cinco repositórios de trabalhos acadêmicos, de diferentes perfis e tipos de publicações. São eles: a) anais dos cinco últimos anos do Intercom Nacional; b) anais dos cinco últimos anos do SBPJor; c) anais dos cinco últimos anos do Compós d) plataforma Capes de Teses e Dissertações. A análise se limita, quando aplicável, apenas aos trabalhos publicados em GT’s/DT’s de Telejornalismo.

A pré-seleção consiste na separação entre os que trabalham telejornalismo dos demais campos. Em seguida, uma nova separação será feita entre os que apresentam os termos pesquisados dos que não apresentam. Feita a separação, um terceiro recorte buscará pela qualidade dessa citação - se os termos buscados são o tema do artigo ou apenas compõem o texto de um outro assunto/objeto de pesquisa.

Por fim, dentre os que apresentam discussão direta sobre o universo que pesquisamos, será feita uma catalogação com as seguintes questões: a) Qual o nome do(s) autor(es)? b) Qual o título da pesquisa e ano? c) Em qual repositório foi publicado? g) Quais os teóricos de Televisão citados? h) Quais os teóricos de Telejornalismo citados? i) Qual ou quais as metodologias? j) Qual o objeto de pesquisa?

1ª ANÁLISE - A presença dos termos nas pesquisas

Anais Intercom

Foram analisados 163 artigos publicados no Grupo de Trabalho “Telejornalismo”. A pesquisa apontou que 84,6% dos artigos publicados nesse período citam o termo “Imagens” - 138 dos 163 trabalhos. O termo “Câmera” apareceu em 54,6% dos textos - 89 dos 163 trabalhos. O termo “Cinegrafista” foi citado em 19,6% dos trabalhos - 32 artigos dos 163 publicados. Já o termo “Repórter cinematográfico” apareceu apenas em 4,9% das pesquisas - 8 das 163. Por fim, o termo “Cinegrafia” não foi usado em nenhuma das 163 pesquisas.

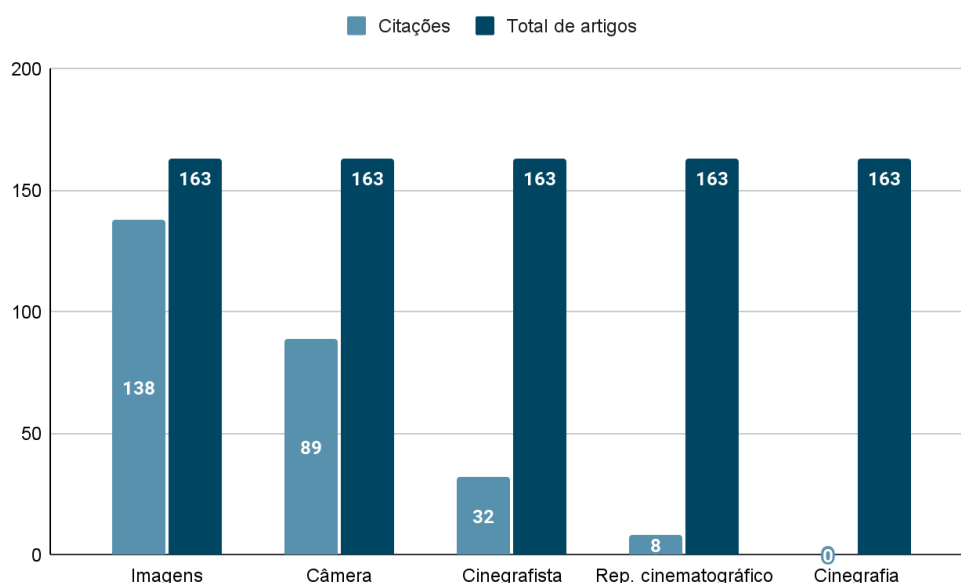


Gráfico 1 - Recorrência dos termos por total de artigos publicados. Fonte Lamounier (2021).

Anais SBPJor

O congresso da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo não possui a divisão por grupos de trabalho tal como a Intercom, apresentando como divisão a seção “Comunicações livres” com artigos de todas as áreas, propostos livremente pelos pesquisadores, e a seção “Comunicações coordenadas”, que nascem a partir do estímulo de pesquisa em determinado assunto corrente e em que se inserem os trabalhos das redes de pesquisadores, tais como a TeleJor.

Para esta pesquisa, buscou-se na pré-seleção encontrar os trabalhos que discutem o telejornalismo, independente de ser apresentado nas livres ou coordenadas. Ao longo dos cinco anos, foram encontrados 146 artigos. A busca pelas palavras-chave apresentou os seguintes resultados: 114 trabalhos (78% do total) apresentam o termo “Imagens”. 54 publicações (36% do total) tem “câmera” ao longo do texto. O termo “Cinegrafista” foi encontrado em 23 textos (15% do total) enquanto “Repórter cinematográfico” foi citado em 8 trabalhos (5% do total). Por fim, “Cinegrafia” apareceu em 3 trabalhos (2% do total).

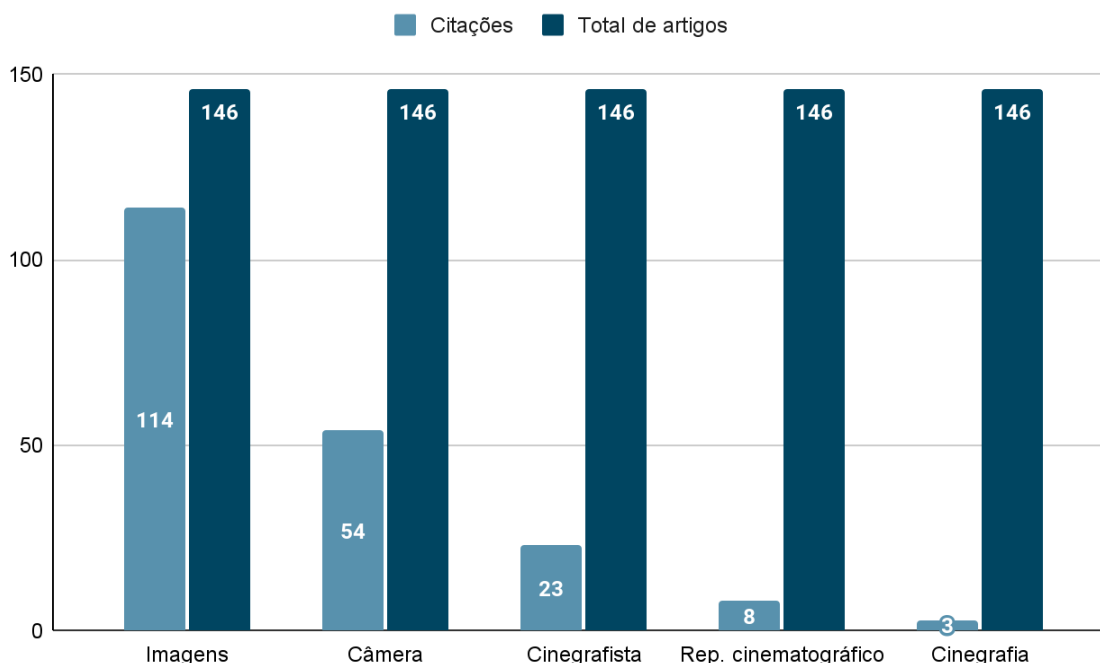


Gráfico 2 - Recorrência dos termos por total de artigos publicados. Fonte Lamounier (2021).

Anais Compós

No caso do Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - a Compós - há a constituição de Grupos de Trabalho mas não há um específico para o telejornalismo. Sendo assim, a pré-seleção dos artigos de análise foi feita entre os que discutem telejornalismo nos GT's “Estudos de televisão” e “Estudos de jornalismo”.

Dos 20 artigos publicados em cada ano (10 em cada grupo de trabalho), foram pré-selecionados 2 em 2020, 1 em 2019, 2 em 2018, 1 em 2017 e 3 em 2016, resultando, portanto, em 9 artigos que discutem telejornalismo entre 100 publicados no período de análise. Os números apontam que todos os artigos apresentam o termo “Imagens” ao longo do texto. 6 publicações (ou 66% do total) apresentam o termo “Câmera”. 3 trabalhos - ou 33% do total - apresentam a palavra “Cinegrafista”. Já os termos “Cinegrafia” e “Repórter cinematográfico” não foram citados em nenhuma das 9 pesquisas.

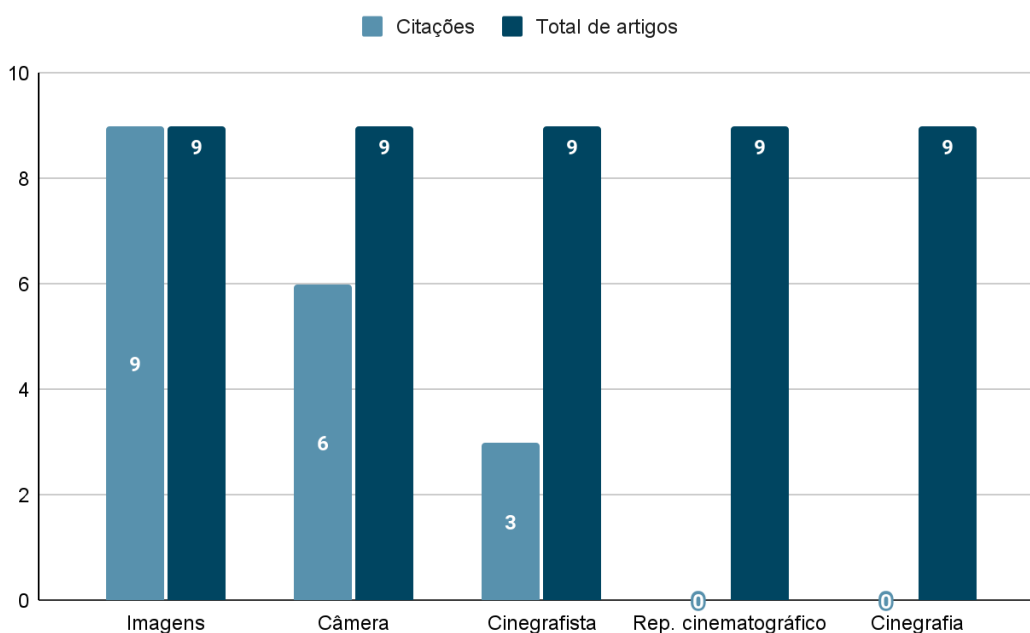


Gráfico 1 - Recorrência dos termos por total de artigos publicados. Fonte Lamounier (2021).

2ª ANÁLISE - Como os termos são aplicados nos textos?

Na segunda etapa, deixamos os termos “Imagens” e “Câmera” e aprofundamos nos demais. Essa opção se deve a partir dos resultados apresentados na primeira análise, que mostram que ambos são bastante abrangentes e seria necessário novos recortes para

que enfim contemplassem os objetivos desta pesquisa. Sendo assim, a seguir, buscamos identificar como os termos “Cinegrafista”, “Cinegrafia” e “Repórter cinematográfico” são apresentados nas publicações.

As 77 citações foram revisitadas e os resultados foram avaliados da seguinte forma: as citações são apresentadas como assunto do trabalho (portanto, inseridos no título, palavra-chave e/ou resumo) ou apenas como citação pontual inserida em trabalhos que discutem outros assuntos.

Como um único artigo pode apresentar citações a mais de um termo de pesquisa que selecionamos, foi feito um novo arranjo que eliminasse os trabalhos duplicados. Assim, 77 citações resultaram em 66 artigos diferentes, sendo 27 da SBPJor, 36 da Intercom e 3 da Compós.

Os resultados dessa etapa apontam que nenhum dos 66 trabalhos apresentam os termos “Cinegrafista”, “Cinegrafia” e “Repórter cinematográfico” nem no título, nem no resumo, nem entre as palavras-chave. Dessa forma, constata-se as primeiras conclusões dessa pesquisa: a primeira, trata sobre a forma como se fala sobre esse assunto. Quando se cita a cinegrafia, o cinegrafista e/ou o repórter cinematográfico, ele vem inserido em outras discussões sobre outros temas e objetos de pesquisa e não em pesquisas específicas sobre essa perspectiva profissional do telejornalismo.

Uma outra conclusão que se pode inferir a partir dos dados aqui apresentados trata sobre quanto se fala dessa área nos trabalhos de telejornalismo publicados nos principais congressos da área dos últimos cinco anos. Dos 318 trabalhos, 66 tem alguma citação aos termos “Repórter cinematográfico”, “Cinegrafista” e “Cinegrafia”, o que corresponde a 20% do total. Enquanto isso, o termo “Imagens” aparece em 261 dos 318 artigos, o que corresponde a 82% do total. Assim, embora feita a ressalva de que as imagens não são exclusividade apenas do repórter cinematográfico em um telejornal, muito se fala nas imagens e bem menos sobre quem as faz na maior parte do tempo.

Outra observação que pode ser feita a partir dos números apresentados é sobre o uso bem mais frequente do termo “cinegrafista” - 58 trabalhos - do que “repórter cinematográfico” - 16 publicações. Embora designam profissões próximas, as palavras não são sinônimo - a primeira remete a cinegrafia jornalística enquanto a outra às demais cinegrafias (como a da publicidade, cinema, etc). As discussões sobre os termos são importantes e extensas, a que se pretende aprofundar em outra oportunidade.

Por fim, como não houve resultado específico que tratasse sobre o universo de pesquisa aqui discutido, incluímos aqui uma terceira análise a fim de buscar o “como” se aborda esse assunto - mesmo que encontrado nos trabalhos de outros assuntos. Dessa forma, dentre os 66 trabalhos já mapeados, serão separados aqueles que comentam sobre a cinegrafia, o cinegrafista e o repórter cinematográficos a ponto de enriquecer ou compor um estado da arte do campo de pesquisa daqueles que apenas citam pontualmente, a título de informação.

3ª ANÁLISE - Como os textos abordam a cinegrafia jornalística e/ou o repórter cinematográfico?

Peixoto (2016) investiga a evolução dos modos de fazer a passagem de uma reportagem. A análise de 145 reportagens aponta para algumas tendências de cinegrafia: nas passagens mais antigas, 68% com câmera parada e 32% com movimento. Nas contemporâneas, 54% parada e 46% com movimento. Entre enquadramentos, nas antigas, 90% utilizavam o plano americano. Nas atuais, 75%.

Pereira e Santos (2017) investigam em projetos pedagógicos de curso como eles pretendem abordar o ensino e capacitação dos estudantes de jornalismo para as “imagens técnicas” - dentre elas a fotografia, o telejornalismo, o audiovisual não-televisivo, entre outros. Sobre a formação para o telejornalismo, os autores concluem que os PPC’s sugerem que a questão da imagem continue sendo feita por não-jornalistas.

Ementas e bibliografia encontradas parecem reforçar o papel do jornalista ligado à produção textual, sendo a imagem aparentemente compreendida como um complemento que “também” deve ser levado em conta pelo jornalista. Como o telejornalismo é prioritariamente visual, tal entendimento sugere que quem se preocupa com a produção dessas imagens continua não sendo preparado pelas escolas de jornalismo. (PEREIRA E SANTOS, 2017)

Ainda sobre a formação, Cárlica Emerim e Beatriz Cavenaghi (2017) (idem) abordam alterações propostas pelo MEC aos cursos de jornalismo em artigo que trata sobre o ensino de apresentação de telejornais. Sobre a cinegrafia, comentam que as novas diretrizes curriculares optaram por

(...) dar mais ênfase à autonomia do aluno na produção dos conteúdos, em detrimento do resultado estético dos materiais. Assim, deixou-se de lado a presença de um técnico cinegrafista (funcionário da instituição) que acompanhava todas as gravações de reportagens com sua câmera profissional. Ao invés disso, agora os alunos são os responsáveis pela

captação das imagens com câmeras DSLR e podem experimentar um processo de produção mais complexo mais adequado às demandas do contexto de convergência que envolve a comunicação contemporânea. (EMERIM e CAVENAGHI, 2017)

Nota-se com maior frequência citações sobre esse universo em trabalhos que discutem o jornalista amador - trabalhos (GRUPILLO, 2016) e as câmeras de vigilância (HENRIQUES e OLIVEIRA, 2017). É possível observar também em discussões sobre as alterações no telejornalismo provocadas pela pandemia (THOMÉ et al, 2020), as mudanças na rotina (CAJAZEIRA E SOUZA, 2020) e os casos de agressão a jornalistas (TEMER e COELHO, 2020) e (MAIA, 2020), também durante esse período.

Há, também, citações em textos relacionados à videoreportagem. Camila Farias e Vitor Belém (2020) investigam o trabalho de jornalistas em casa, durante a pandemia, numa análise de semelhanças do trabalho em home office com a videoreportagem. Já Paulo Cajazeira e Thiago Pedro Malkowski (2017) - citando Fernão Ramos (2012) - discutem o telejornalismo laboratorial em universidades nordestinas e comentam a importância do repórter cinematográfico.

Segundo Fernão Ramos (2012), que analisa a relação do espectador com a imagem-câmera nas diversas situações do cotidiano, a câmera não existe por si só. Há um sujeito concreto que está apertando o botão. No telejornalismo, trata-se do cinegrafista, parceiro diário do repórter. É ele quem mostra o acontecimento. Tão importante quanto a decisão do que dizer ou mostrar na reportagem é a forma com que serão mostradas as imagens audiovisuais, os tipos de enquadramentos, os movimentos de câmera, o tempo destinado para cada tomada na reportagem. (CAJAZEIRA E MALKOWSKI, 2017)

A seguir, o quadro com os artigos catalogados que falam da reportagem cinegráfrica, mesmo que de forma secundária com informações do nome do autor, título, ano, anais, teóricos de TV e de telejornalismo citados e objeto de pesquisa.

Quadro 1 - Pesquisas com contribuições relacionadas à cinegrafia jornalística e ao repórter cinematográfico

Autor	Título e Ano	Metodologia	Anais	Teóricos TV	Teóricos Telejornalismo	Objeto
Filipe Peixoto	A passagem pelo tempo: as transformações na atuação do repórter no telejornalismo brasileiro - 2016	Análise de Conteúdo	SBPJOR	Arlindo Machado	Beatriz Becker Antônio Brasil	Globo
Silvio C. Pereira e Marcelo F.Santos	A abordagem dedicada às imagens técnicas no ensino do jornalismo brasileiro - 2017	Não especificado	SBPJOR	Sem referências	Cárlida Emerim, Antônio Brasil	PPC's de cursos
Cárlida Emerim e Beatriz Cavenaghi	O ensino de apresentação de telejornais: desafios e experiências da UFSC e do Ielusc - 2017	Não especificado	SBPJOR	Sem referências	Antônio Brasil, Guilherme Rezende, Ana P. Goulart, Igor Sacramento, Marco Roxo	TJUFSC Primeira Pauta
Aline Grupillo Chagas Reis	Tiro, porrada e bomba: o noticiário policial e a inserção do jornalista amador no telejornal - 2016	Não especificado	SBPJOR	João Freire Filho	Iluska Coutinho Marco Roxo	SBT Rio
R.P. Henriques e W. Oliveira	Reterritorialização das Imagens de Vídeo Monitoramento – da Segurança às Reportagens do Telejornal ESTV 1 - 2018	Não especificado	Intercom	Pierre Bourdieu	Alfredo Vizeu	TV Gazeta ES
Thomé et al	As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro - 2020	Estudo de caso	Intercom	Sem referências	Beatriz Becker, Iluska Coutinho, Cárlida Emerim, Edna M. da Silva, Alfredo Vizeu	Globo
Cajazeira e Souza	Guia para jornalistas de televisão na cobertura da Covid-191 : a nova práxis na pandemia - 2020	Não especificado	Intercom	Sem referências	Sem referências	Redações do Cariri cearense
Ana C. Temer e Bernadete Coelho	Violência Contra Jornalistas: Desinformação a Serviço de Quem? 2020	Não especificado	Intercom	Sem referências	Flávio Porcello, Ana Carolina P. Temer	Globo, G1,Uol TV Integração,
Vanessa Maia	Os desafios do exercício da profissão dos jornalistas de TV na cobertura dos temas de saúde e da pandemia - 2020	Análise de Conteúdo	Intercom	Arlindo Machado	Iluska Coutinho	G1, Folha, Uol, TV Integração
Farias e Belém	A videorreportagem diante do isolamento do repórter: um estudo de caso sobre a TV Sergipe - 2020	Estudo de caso	Intercom	Sem referências	Heródoto Barbero, Valquíria Kneipp, Patrícia Thomaz, Ana C. Temer,	TV Sergipe
P. Cajazeira e T. P. Malkowski	A Inovação e o Telejornalismo Laboratorial das Universidades Federais da Região Nordeste do Brasil - 2017	Não especificado	Intercom	José C. Aronchi	Antônio Brasil, Cárlida Emerim, João Canavilhas	Produções laboratoriais

Fonte: Lamounier, 2021

Nota-se, portanto, que apesar de relevantes, tais estudos ainda são limitados e trazem a reportagem cinematográfica hora em papel de coadjuvante ou como figurante do campo do telejornalismo. Com papel ampliado nestes 71 anos de jornalismo na TV ainda faltam olhares mais aproximados sobre a atividade profissional e os profissionais da cinegrafia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo da primeira transmissão televisiva no país, o ofício de registrar em vídeo os principais acontecimentos do dia já estava presente. E esse cenário mudou. A tela de cinema foi trocada pela televisão, que ganhou a companhia de celulares, tablets e computadores. Os rolos de filme deram espaço aos diversos tipos de fitas magnéticas que agora já também se tornaram peças de museu para a utilização das memórias digitais. Quem faz uma transmissão ao vivo com um celular hoje talvez não faça ideia que esse aparelho leve e pequeno concentra o que, um dia, precisou de pelo menos sete dispositivos diferentes - câmera, lentes, gravadora de áudio, rolos de filme ou fitas magnéticas, microfone, iluminação e transmissor - que ocupavam todo espaço de uma van ou de uma kombi para fazer chegar o sinal até a sede de uma emissora de televisão.

Quando uma tecnologia muda, muda também uma profissão. Se antes eram tantos aparelhos envolvidos numa reportagem e hoje é possível fazer com um só, o número de pessoas necessárias para o trabalho não é mais o mesmo. Uma equipe de reportagem poderia contar com um repórter, um repórter cinematográfico, um assistente/iluminador, um operador de áudio, um técnico de transmissão e um motorista. Com o tempo, o que era seis se tornou cinco, depois quatro, logo três e virou dois. O repórter cinematográfico se tornou o motorista, o responsável pela transmissão, o operador de áudio e o iluminador. A equipe, em muitos casos, virou dupla. E já é possível observar que o 6-5-4-3-2 da reportagem se tornou 6-5-4-3-2-1, uma equipe de uma única pessoa.

Os resultados aqui apresentados mostram que, muito embora os bastidores do telejornalismo tenham mudado, o esforço acadêmico em pesquisas na área ainda é tímido. Nos últimos cinco anos, em três dos mais importantes congressos de comunicação no país, não se falou especificamente sobre o tema. Quando se aborda, é discutido de forma rápida, inserido em outros trabalhos, o que os números apresentados

também apontam não ser frequente. Fala-se muito em imagens, mas pouco sobre quem as faz na maior parte do tempo de um telejornal.

Para além de suprir uma demanda, esse trabalho vislumbra incentivar novas pesquisas na área, num círculo virtuoso: quando se conhece melhor a história e as questões de uma profissão, o mercado evolui, as pesquisas evoluem e a formação de novos profissionais evolui. Com mais de 70 anos de atuação só na TV, talvez já seja a hora de colocar o repórter cinematográfico no foco do telejornalismo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Cárilda Emerim; Iluska Coutinho; Cristiane Finger. (Org.) **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2018, v.7, p. 175-194.

EMERIM, Cárilda. e BRASIL, Antônio. **O repórter cinematográfico: papel e função no telejornalismo**. In: Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 2013. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013.

EMERIM, C; COUTINHO, I; FINGER, C. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2018, v.7.

MEMÓRIA GLOBO. **JN: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Claudia Albuquerque; REIS, Marco Aurélio. O telejornalismo na produção acadêmica dos alunos dos Programas de Pós-graduação em Comunicação de Minas Gerais: a construção de um campo de conhecimento. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro**. 7. ed. Florianópolis: Insular, 2018. Cap. 5. p. 99-126.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Edna Mello da. **As imagens do Telejornal Imagens do Dia: a influência do cinejornalismo e do rádio na primeira fase do telejornalismo brasileiro**. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava-PR. Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

_____. **Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica.** In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (org.). Epistemologias do telejornalismo brasileiro. Florianópolis: Insular, 2018.

_____. **70 anos de Telejornalismo no Brasil: A inauguração da TV Tupi e o Legado do Telejornal Imagem do Dia.** In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020, Salvador-BA. Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.

_____. **Desafios contemporâneos do telejornalismo.** Universidade Federal de Juiz de Fora. 20 de julho de 2021. 1 vídeo (1:18:50) [Live]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRkUAMUDj8D/>. Acesso em 03 ago 2021. Entrevista cedida ao Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias.